

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, e sempre, os agradecimentos ao Deus MAIOR, que permite a ação do Universo sobre mim, para que eu retribua ao mundo tudo o que recebo d'Ele .

À lista de agradecimentos da primeira edição deste livro, acrescento aqui além de meus pais( José Mario e Eudócia) e amigos que se mantêm na minha vida, os novos amigos de trabalho e a imprensa.Nesta atual relação não poderia deixar de citar desde já Maria Angélica Gomes e sua equipe pessoal: Advogada Ana Dolce, Jornalista Luiz Carlos de Oliveira da Assessoria de Imprensa Ralcoh e ao Professor Mestre Antônio Roberto de Oliveira, que me apontaram caminhos para elaboração de alguns projetos. Ana Paula Rossi e Francisco Rossi.

Fátima Latarulla, arquiteta, assessora de noivas,designer e Aquariana.

João Carlos Pecci, que aceitou prontamente trabalhar o prefácio da primeira edição e teceu a mais bela de todas as declarações no texto “ Rodas de Tatiana”.

Lucas Produções( Luis, Colorido) que deu som e emoção ao Prefácio do João Carlos.

*Obrigada por acreditarem nos meus ideais.*

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a segunda edição deste livro a todos os leitores da primeira edição, que se tornaram meus fãs e que retribuíram-me de alguma o meu trabalho.A você, leitor, expresso nestas linhas o meu carinho considerando o pedido da segunda edição esclarecendo e atualizando alguns dados.Espero que vivenciem a magia de alguns encontros e desencontros desta nova edição e que alcancem comigo o sucesso de quem luta, sempre!

*DEDICATÓRIA*

*Ao, Eduardo Barnez. Meu amor e Sr Rolim.*

## **PREFÁCIO RODAS DE TATIANA**

*Rodas de Tatiana:giram,deslizam, empnam a menina, quais lindas pernas bailarinas.Tatiana é a síntese humana deste imenso Brasil de tantas periferias. Perde o fôlego, tropeça, sai do prumo. Desgoverna-se,decompõe-se, dilacera-se. Quando parece excluir-se do mapa, eis que se reanima, se redime, se reconstrói. Aprendiz dos próprios erros, agiganta-se a partir dos engodos, burilando o íntimo sofrimento.Tinha apenas 17 anos, essa menina:audácia, adolescência, álibis, alquimias,volúpia, improvisos, suor:insólita espuma a incandescer o gelo. O que se quer com 17 anos? Ah, quanta ironia! Quer-se tanger a alma da lua, destilar a gota de orvalho, fazer enrubescer o monge. Mudar a trajetória do sonho antes que vire rotina, romper a barreira do som, deitar-se na pedra mais alta da montanha. Ou simplesmente acariciar os pêlos do cãozinho inseparável, ou chupar um sorvete lambuzando-se de um erotismo sem controle.Naquela manhã ela queria apenas dar uma volta de bicicleta. Distraiu-se, desgovernou-se. Topou com um caminhão. Quase uma reprodução de Ayrton Senna contra o Tamborello. Meu Deus, e ela nem usava capacete... Sobreviveu, ao esfacelamento, às hemorragias, ao coma, aos enxertos. Restou-lhe, porém, a cauda mais agreste da colisão:ficar sem andar. Mais que isso: ter de reformular um corpo desmedido, crivado de atrofias, preservar a vaidade feminina, restaurar a sexualidade, enfim, inventar uma natureza nova. Conseguiu. Refez-se mulher entre tantas lágrimas, agruras e pesadelos. E a “Tatiana do caminhão”, foi*

além despojou-se de si mesma transformando a alma em palavras, entalhando cada letra deste livro no feitiço de uma saudade adormecida, na réstia de um sonho recuperado, nos moldes de um desejo renascido. Há dois caminhos para um escritor atingir a autenticidade: aprimorar a técnica ao longo de muitos livros, ou esbanjar intuição na singeleza da primeira tentativa.

Tatiana, de pronto, deixou fluir a simplicidade das frases, a emoção sem retoques, o lúdico a faiscar alívios numa seriedade de meter medo. Livrou-se da dor fazendo-a deslizar pelos dedos em grãos de entusiasmo até vê-la erigir-se como castelo de areia logo cristalizado em pedras egípcias, tão forte a reconstrução da vida. Para uma mulher paraplégica, despojar-se em palavras implica despetalar sua nudez envolta em cicatrizes, fedores e mínguas. Significa ver ruir movimentos de coxas e pernas, insensíveis às mãos que se procuram à deriva e se encontram à distância. E não tapar essa imagem, ao contrário, torná-la nítida e crua como lâmina que afina mas não fere. Pressupõe lidar com a humilhação da fralda trocada pelo namorado, com o amor interrompido pela urina ou pelas fezes, com o lenço na cabeça a esconder a perda dos cabelos. Ah, de que valeria a vida não fosse a consciência da fragilidade a exalar por todos os poros a necessidade da luta para recuperar um corpo sem escoras, para mexer um braço inerte, para vencer espaços intransponíveis, para mudar diante do espelho a imagem da compaixão. A luta de Tatiana tornou-se a dos pais, da família, dos vizinhos, dos amigos, do namorado, dos médicos, dos fisioterapeutas.

Objeto e objetivo desse verdadeiro laço humano, Tatiana ia girando a vida num carrossel de conquistas. No Centro de Reabilitação aprendera a valorizar a fisioterapia resgatando o franco sorriso de menina e a confiança em si mesma. Acreditava. Conseguir segurar um grão de milho, voltar a escrever com a mão direita, usar o braço para apoiar-se, abraçar. São simples minúcias que empolgam e fazem cochichar com Deus. Tatiana acostumara-se, não só a cochichar, mas a organizar festas com Ele. As pernas não andavam, mas ficavam na vertical vestidas por um aparelho. Readquiriam volume, sinuosidades, e já alimentavam a proeza do amor e do prazer. Liberdades outrora longínquas cresciam como atalhos à dignidade restabelecida no curso de Psicologia, no emprego, no calor dos amigos em meio à pulsação das avenidas, dos barzinhos, das boates, dos estádios, dos cinemas, dos teatros.

Viver deixara de pairar como dúvida angustiante para se revelar na concreta execução física da alegria, tanto nos divertimentos quanto no trabalho e no amor. Sobre rodas, Tatiana não anda, e sim desfila a graça de sua dedicação à vida, transportando a garra da periferia que sacoleja no ônibus, no trem, no metrô a vontade de prosseguir, seja qual for o roteiro da existência e a forma da locomoção. Ah, se todos tivessem a coragem de se mostrar num livro, as neuroses se definhariam em prol da transparência das almas e dos corpos. Obrigado, Tatiana!

*João Carlos Peccí* Novembro de 2001 João Carlos Peccí, artista plástico e escritor. Autor entre outros de *Minha profissão é andar* e *Velejando a vida*.

## SUMÁRIO

### PRIMEIRA PARTE

Tudo programado, exceto o final

O acidente

O coma

O despertar para um pesadelo

Nova cirurgia... nova esperança

A verdade sem fantasias  
A difícil luta pela vida em um quarto de hospital...

### **SEGUNDA PARTE**

Será que em casa as coisas melhoram  
A verdade é que não mudou  
Entre tanto sofrimento, a lembrança de um namoro feliz  
Espelho, espelho meu  
A força dos amigos  
Durante a troca da sonda uma nova descoberta  
O choro corajoso de meus pais  
Sanduíche no MAC e fim de semana fora  
Um pouco de história  
Na espera de boas notícias  
Cadeira de rodas, não quero!

### **TERCEIRA PARTE**

Centro de Reabilitação: O grande dia  
A cadeira não é tão ruim  
A difícil redescoberta da sexualidade  
A corda só arrebenta  
Reabilitação, outro recomeço  
Descobrirdo novamente os segredos do amor  
Meu andar sobre rodas  
Um novo trajeto, uma nova conquista  
Coragem para enfrentar os olhares  
A crise no namoro

### **QUARTA PARTE**

Nasce um novo amor  
Um coração em conflito  
Uma nova fratura  
Um Natal diferente  
Do bloco cirúrgico para a sala do vestibular  
O perde/ ganha da vida  
Capítulo a parte: A verdade depois de 10 anos

### **QUINTA PARTE**

O difícil retorno ao mercado de trabalho  
Tantos trajetos, tantos colos  
O primeiro Teleton a gente nunca esquece  
Um colo diferente  
O moço do Rio  
Quando urna porta se fecha, outra se abre  
O trabalho na TV  
Um passeio a Recife  
Á caminho do Rio

---

O estágio: triste realidade de uma instituição

Hoje, 25 de Junho de 2007.

Incrível como o dia 25 se repete na minha vida e me traz um recomeço constante ... Neste momento posso dizer que finalmente concluo este projeto para entregar a gráfica e rodar a impressão para a publicação. Desde 2002 quando esgotou a primeira edição deste livro me empenhei em trabalhar a segunda edição, mas foram tantos acontecimentos que sinceramente, não havia disponibilidade para aconchegar-me na tela do computador e retratar-me fielmente para expor aquilo que poderia contribuir de alguma forma para quem lê. Eu, particularmente, não queria apenas escrever por escrever. Não sou nenhuma veterana da literatura ( quem me dera...)mas decididamente cuidei para não fabricar um montante de palavras sem sentidos.

Ainda me lembro de quando eu ainda era criança e pensava em quantos anos eu teria quando chegasse o ano 2000. Muitas pessoas diziam que daquela data ninguém passaria, mesmo assim tracei metas, planos e objetivos, só não contava com um imprevisto, uma tragédia. A hipótese de que o mundo acabaria no ano 2000 me assustava, embora eu não acreditasse veementemente.

Hoje tenho 39 anos de idade e somei nestes longos anos uma história para contar. O mundo não acabou, Graças a Deus. Entre Guerras e catástrofes que acometem o mundo me peguei numa comparação entre o que aconteceu no Continente Asiático que foi atingido por um Tsunami e a minha vida há anos atrás que relatei na primeira edição deste livro. Hoje posso dizer em linhas gerais que enfrentei mais ou menos um Tsunami também, mas de ondas emocionais principalmente e seqüelas físicas evidentes.

Era 25 de Janeiro de 1995. Naquela manhã de quarta-feira, estava tudo programado, exceto o final. Era feriado na cidade de São Paulo, que comemorava seus 441 anos de idade. Então, conforme combinado com a Meire, amiga de infância, eu, com minha bicicleta, passaria logo pela manhã na sua casa para juntas seguirmos nosso caminho até a represa de Mairiporã. Daríamos uns mergulhos, depois, eu iria para o show de comemoração do aniversário de Sampa, no Parque do Ibirapuera. Na volta passaria na casa do meu namorado André.

Há dias tínhamos planejado esse passeio. Seria nosso grande dia de liberdade, pedalando em nossas próprias bicicletas, pois sempre pedalávamos com bicicletas emprestadas. A vizinhança do bairro já nos conhecia e os meninos da vila onde morávamos não se incomodavam com nossos pedidos de empréstimo. Naquela semana sabíamos que seria diferente. Eu já tinha comprado a minha própria bicicleta e a Meire acabara de comprar a sua. Agora éramos independentes e isto sem dúvidas era uma conquista pra nós naquela idade. Nossa primeira bicicleta. Então naquela manhã despertei, coloquei meu traje esporte para pedaladas: cotton básico e mini blusa com meu tênis.

Quando somos adolescentes buscamos campos iguais, queremos ser parecidos com os integrantes do nosso grupo, queremos compartilhar nossos ideais para assim sermos entendidos e aceitos sem risco de rejeição ou preconceito. Preparada, descendo correndo os degraus que dão acesso ao meu quarto e avisei às pressas ao meu pai que eu retornaria.

Eh!.Eu retornaria...Fui até a casa da Meire que estava atrasada. Aguardei-a na porta apressando-a para nosso passeio. Também saiu correndo de sua casa e em nossas bicicletas descemos com ligeiras pedaladas a ladeira principal de Franco da Rocha, a Avenida da Saudade.

E quanta saudade me deixou...

Sob o sol forte pedalamos até o centro de Franco da Rocha, onde havia crescido e feito amigos. Parei em dois escritórios onde eu estava acertando os detalhes para trabalhar meio período em cada um deles, em um supermercado e na Rádio de Franco.Eu trabalharia com eles até entrar na faculdade no ano seguinte.De lá encontraríamos outra amiga, Branca, que havia se comprometido a enviar um fax com comprovante de pagamento de aluguel para reservas de dois apartamentos na Praia Grande, litoral de São Paulo. Como era feriado, passaríamos o final de semana com nossos respectivos namorados, ela com Adriano e eu com o André.

Estávamos apaixonados e eu como nunca em toda a minha vida estava vivendo todas as emoções possíveis de uma relação a dois. As sensações, as descobertas, as dores, os prazeres, os desejos e os sentimentos. A ele eu me entreguei de corpo e alma e vivia intensamente uma história de amor.

Após resolver as pendências da reserva de apartamento para o feriado, eu e a Meire seguimos para a Represa de Mairiporã.Pedalávamos, ríamos, conversávamos como sempre o fazíamos, falei sobre minha dúvida quanto ao vestibular. A escolha entre veterinária e psicologia estava difícil, além disso, a questão financeira pesava. Falávamos de nossos planos, de nossos namorados. Eu estava feliz com meu namoro com o André,uma relação estável, distante da fase do “ficar”, que tive como qualquer outra adolescente de minha idade.Recordamos outras fases da nossa amizade sincera, de passeios que fazíamos ao Playcenter, ao cinema. Nossas brincadeiras: casinha, Gugu com passa-repassa, uma brincadeira inventada por nós e que era um sucesso. Criamos regras para o nosso jogo e disputávamos entre duplas.

Tive uma infância maravilhosa, diferente das crianças de hoje que crescem e se divertem de forma tão virtual. Sou do tempo da brincadeira de pega-pega, queimada, estátua e outras tantas, todas sempre envolvendo muita correria e movimento.Nos lembramos com detalhes de outras pedaladas juntas, de passeios que foram desastrosos, tombos e situações até mesmo engraçadas. Em um desses passeios, em que tomamos emprestada uma bicicleta com garupa, aconteceu um fato inesquecível. Naquele dia era eu quem conduzia, a Meire ia sentada atrás. Fizemos um longo percurso, entramos em várias ruas, eram tantas curvas com idas e vindas, subidas e descidas que acabamos nos perdendo em uma descida tão íngreme que o freio da bicicleta estourou. Disparamos ladeira abaixo aos gritos.

A velocidade aumentava e sentíamos um frio na espinha que gelava a alma, um medo e uma vontade de parar, mas a bicicleta seguia sem parar.

De repente, senti a bicicleta mais leve, dei uma rápida olhada para atrás e vi a Meire se levantar de um bueiro, um desses buracos feitos no chão para passagem do esgoto. Ela estava toda suja, terrivelmente irreconhecível e com as mãos tentava limpar o rosto.Naquele momento, ri tanto até contrair os músculos da barriga. Isso foi o suficiente para eu me desequilibrar bater em uma pedra, caindo metros à sua frente.Levantei-me também toda suja, ergui com força a bicicleta e com dificuldade e dor pelos arranhões caminhei até ela, nos abraçamos diante daquela situação rindo sem parar e olhando para o estrago que tínhamos feito naquela “magrela”, termo típico usado pelos adolescentes para designar a bicicleta.

À nossa frente havia um rapaz que lavava seu fusca branco, era a única salvação para nos livrar-mos de tanta lama. Quando ele nos viu naquela situação, correu em nossa

direção preocupado em saber se tínhamos nos machucado, ele nos ajudou a ajustar a bicicleta e também nos emprestou com boa vontade sua mangueira para nos limpar. Depois de algumas esguichadas de água poderíamos voltar para casa e enfrentar a responsabilidade pelo estrago que tínhamos feito em questão de minutos. Seguindo, a pé o caminho de casa, por onde passávamos éramos motivo de piadinhas pela situação em que nos encontrávamos. Em casa, depois de um bom banho, pudemos ver claramente os arranhões no rosto da Meire havia ficado uma leve cicatriz em forma de ponto de exclamação, que se tornou nossa marca daquele dia que ficou na história, somente nós duas sabíamos o que exatamente havia acontecido. Enquanto lembrávamos daquele passeio, ríamos com saudades também de muitos outros que havíamos feito na nossa infância.

Seguíamos ali nossas pedaladas ainda sob o mesmo sol forte que nos aquecia e fazia o suor deslizar pelo meu rosto bonito e moreno, escorregando pelas costas, descendo e contornando minhas pernas torneadas e grossas.

Músculo, ação e movimento!

E pedalávamos rumo à represa de Mairiporã

E seguíamos em pedaladas, conversando, rindo e lembrando, pedalando, sob o sol forte. De repente... um de repente que até hoje não me lembro de onde veio e tampouco como veio, apenas chegou ... e aconteceu ...

## **O acidente**

Histórias quanto ao acometimento imprevisto são inúmeras; entretanto, nunca me lembrei daquele momento exato.

Hoje, formada como psicóloga, entendo que a psique do ser humano tem mecanismos de defesa que é capaz de nos fazer desligar conscientemente diante de uma situação muito traumática, de muita dor, à qual a própria consciência não suportaria. E foi exatamente isto que me aconteceu. Lembro-me apenas que dias daquela data, eu ainda tinha cabelos compridos e resolvera cortá-los bem curtos, estilo channel. Era mais prático e moderno para quem sempre fazia tantas coisas num dia só, jogava volley, trabalhava, fazia alguns desfiles como modelo, estudava, namorava etc. Temos uma coisa no mundo que é igual para qualquer um de nós em qualquer parte do planeta Terra: o tempo, ele é único e composto de vinte e quatro horas pra todos nós de forma puramente democrática e sem injustiça e cada um é livre para fazer o que quiser com ele, aproveitando da melhor forma, outros nem aproveitam. Naquela mesma semana comprara uma máquina fotográfica, daquelas pequenas e descartáveis, diferentemente das máquinas modernas e digitais de hoje em dia. Com essa máquina tirei várias fotos. Era como se eu estivesse num dos tantos estúdios fotográficos pelos quais já havia passado, quando, no auge da adolescência, tentei ser modelo como tantas outras adolescentes. E na mesma semana fiz do meu pai, o meu fotógrafo. Coloquei diferentes roupas. Fiz diversas poses, era como se estivesse me despedindo dos movimentos ali fotografados.

Naquela época em que para mim o movimento era natural e espontâneo por si mesmo, ele não tinha valor algum. Quando o tropeçar na rua era apenas um tropeçar, levantar e seguir o caminho sem perder a classe.

Eh! Saudade que chegou, movimento que acabou e lembrança que não passou...

Parte do que passarei a contar faz parte de breves relatos feitos por meus pais e amigos que de certa forma me acompanharam durante meu processo de internação.

A Meire durante muito tempo não conseguiu me contar de fato como tudo aconteceu naquele dia que nenhum riso nos trouxe. A ela coube a memorização do fatídico episódio e a mim uma batalha física e emocional que aqui nas páginas deste livro eu me senti compelida a contar-lhes.

Numa fração de segundos veio um caminhão, desses com vários pneus traseiros, carregado de terra e eu estava embaixo dele, presa em suas rodas, quase esmagada com minha bicicleta nova de passeio.No momento em que tudo aconteceu só um grito de dor ecoou naquele horizonte, em pleno caminho da represa: VOU BATEEEERRRR!!!

Um grito que nada adiantou, o caminhão travou comigo sob suas rodas. A Meire, que estava poucos metros à minha frente, olhou para trás assustada com o grito estridente e correu para ver o que tinha acontecido.Deparou-se com uma cena que só a ela pertenceu por muito tempo.

Ali, seu choque foi imediato ao ver tanto sangue escorrendo pela pista.O motorista do caminhão, sem entender, desceu e ao me ver ali caída, desmaiada, ensangüentada, inconsciente, também se desesperou. Enquanto os dois ficaram ali paralisados com a cena, o motorista de uma Brasília amarela (que não era dos Mamonas Assassinas )parou e me socorreu.

Na hora do desespero parece que o que importa mesmo é salvar vidas. Então, pega-se pelas pernas e braços de um lado e do outro, jogam para o alto e correm para o hospital. E assim fizeram comigo, pegaram-me pelas pernas e braços e me colocaram deitada no banco traseiro daquele carro, como se essa fosse a forma mais adequada de socorrer alguém.Não demorou e uma hemorragia de sangue molhou o banco do carro.

O homem desconhecido, claro, tinha a intenção de me ajudar, de salvar minha vida. Tentou prestar o socorro e, tenho certeza, ele fez o que pôde.E tudo tão perto do Corpo de Bombeiros.

Em Franco da Rocha tem uma escola de formação destes profissionais, mas na hora em que tudo acontece, não há tempo para pensar nas medidas corretas de prestar o socorro.

Agora eu já não pedalava, era transportada em um carro por um homem desconhecido. Estava desacordada dentro de uma Brasília amarela...

## **O coma**

Imobilização, colete, colar cervical, faixas, soro, sangue, injeções, parada cardíaca, reanimação, choque, entubação. Sem o sol que me ardia na pele ao pedalar. Ali não era mais Tatiana Rolim, aquariana, bonita, inteligente, sorridente. Passei a ser indigente, porque não havia sequer um papel com meu nome na roupa de ciclista ralada no asfalto e arrancada às pressas por enfermeiros do pronto socorro.

Jogaram fora meu tenis de estimação, ele me dava um chulé, isto é verdade, mas naquele momento pouco importava o valor afetivo que ele tinha. Foi arrancado dos meus pés sem que eu permitisse.

Além de indigente, eu era sem roupa. Somente um lençol cobria meu corpo que era todo sangue. Corpo machucado, acidentado, atropelado por um caminhão.

Enquanto tudo isto acontecia no pronto socorro do Juquery, a Meire, em estado de choque, chegava aos prantos na minha casa, onde meu pai e minha irmã mais nova, Paula, já se confrontavam com ela.

Meu pai por pouco não perdeu a razão enquanto ela tentava balbuciar algumas palavras para dizer onde é que eu estava.

O desespero foi geral, uma choradeira tomou conta de todos eles. À distância estava minha mãe, trabalhando como enfermeira num prédio próximo ao Ibirapuera, onde eu também daria uma rápida passada, antes de ir para a casa do André. Com muita dificuldade a Meire conseguiu falar e então todos desceram para o hospital. Lá, policiais já esperavam para que fosse feito o B.O. (Boletim de Ocorrência) juntamente com o motorista do caminhão.

A equipe médica solicitou minha transferência para outro hospital, os recursos ali não seriam suficientes. Assim, fui transferida para o Hospital do Servidor Público, em São Paulo. Tomaram as devidas providências para que isto fosse efetuado com urgência. Meu estado era grave. Liberada a ambulância, fui levada para outro hospital. Eu não iria mais festejar coisa alguma no Ibirapuera.

Na ambulância meu corpo seguia com uma equipe médica, enfermeiros e meu pai. O motorista corria com a sirene ligada cortando todos os carros à sua frente em plena Avenida 23 de Maio para chegar a tempo.

O caso era crítico e pouco antes de chegarmos no Hospital do Servidor tive nova parada cardíaca. Pressa, urgência, movimento, ação, aventais de médicos que voavam pelos corredores ao adentrarem na sala de reanimação.

Tudo escuro, tudo frio. Talvez fosse o que eu sentisse ou pudesse imaginar naquele momento.

E eu entregue a uma equipe de médicos que tentava fazer de tudo para que eu sobrevivesse.

Lá fora, nos corredores do hospital, um tumulto, meu pai, minhas irmãs Eliana e Paula, meu namorado e minha mãe, amigos e vizinhos, todos já sabiam o que me havia acontecido, menos eu.

Incrível como notícia ruim se espalha. É claro que quem conta um conto aumenta um ponto, a estas alturas, antes de minha mãe chegar no hospital, já tinham lhe contado pelo menos umas três versões diferentes do acontecido.

Um clima de muita tensão e ansiedade até o primeiro contato com um médico, enquanto eu estava sendo submetida à primeira de tantas cirurgias, horas após a reanimação bem sucedida.

O médico foi claro e objetivo em sua resposta:

O acidente foi grave, mas ela reagiu bem à reanimação, este é um grande começo, mas não sabemos se resistirá. Estamos tentando mantê-la com o braço direito, que foi gravemente perfurado e dilacerado no asfalto.

Neste momento foi um terror, uma verdadeira choradeira coletiva, todos sem uma resposta para aquela situação. Ali mesmo começou a fase de questionamentos: Como? Mas por quê? Que medidas serão tomadas? Era preciso tempo e haveria uma longa espera para que algumas destas questões tivessem respostas.

Já entardecia e eu ainda em coma. Com pessoas cuidando de mim a começar pela reconstrução do braço que foi levemente arrastado no asfalto e este atrito fez com que todas as camadas de pele fossem arrancadas.

Foram longas horas de cirurgia, da qual sequer tenho qualquer lembrança, tamanho foi o estrago.

Segundo informações posteriores, havia até resíduo de asfalto no braço, que queimou a pele no chão. Havia também fraturado a escápula. Do jeito que estava, havia um grande risco de amputação, mas a equipe, que tanto se empenhou, fez com que eu eu ficasse com ele. Enquanto eu sequer sabia o que me havia acontecido.

Eu estava devidamente cuidada, em coma, com sondas por todos os orifícios do corpo: nasal, vesical, soro, sangue, medicação. Além disso, o gesso na coluna era imprescindível, imobilizaram-me de tal forma garantindo imobilidade total, para que equipes de enfermeiras também pudessem cuidar de mim.

Foram muitos dias da minha vida de jovem cheia de planos na mais profunda escuridão, no silêncio, na ausência de qualquer estímulo do mundo. Era como se eu tivesse morrido no auge dos meus 17 anos de idade e tanta coisa ainda para ser vivida.

Tenho uma parte de minha vida que não pertence à minha consciência. E como se não pertencesse a mim mesma. São dias e semanas de muita agonia. Horas de luta pela sobrevivência em uma unidade de terapia intensiva. São dias de muitas

dores aliviadas com drogas, morfina, calmante e sedativos, já que a própria endorfina do corpo fragilizado não respondia mais às necessidades do momento.

No coma, a luta pela sobrevivência também estava naqueles que lutavam conscientemente, naqueles que sofriam em silêncio e, em primeira instância, naqueles que cuidavam de mim.

Na relação médico-paciente, eu era o paciente inerte. Era como se eu voltasse a ser um bebê com problemas ao nascer e protegido dentro de uma incubadora e alguém lá fora tivesse de tomar conta de tudo.

Eu não imagino o que passei nessas primeiras horas. Tampouco posso ter a pretensão de imaginar o sofrimento de meus pais durante esse período em que acompanharam tudo tão de perto e que fizeram de tudo por mim.

Pedaladas em um dia de sol, entardecer que eu não cheguei a ver e o anoitecer que se aproximou, trazendo a escuridão que ficou em minha vida por muito tempo.

Meus pais me dizem que muitos de meus amigos iam me visitar, queriam saber como eu estava, mas de nada adiantavam as visitas, porque eu ainda estava em coma, no meu sono profundo, misterioso e na escuridão incompreendida.

No hospital, todos tomaram conhecimento do meu acidente. Uma verdadeira desgraça, uma adolescente ser atropelada por um caminhão.

Sempre fui muito popular por onde passava e agora eu era popular entre funcionários do hospital, pacientes, enfermeiros. Sem ter a mínima idéia disso e muito menos sem saber porque, passei a ser conhecida como “a menina do caminhão”.

## **O despertar para um pesadelo**

Dias se passaram.

Quinze dias de escuridão e desesperança para os meus próximos. Minha mãe já não agüentava mais me ver padecer em tamanho sofrimento e dor. Chegou a falar para os médicos que talvez fosse melhor que eu morresse a permanecer naquela situação, sem reação, vegetando e aos gritos de dores. Mas com o passar dos dias, como que uma surpresa, meu corpo começou a apresentar reações de luta e de vontade de me manter viva.

E, no meu silêncio, passei a ouvir vozes. Mas eu não conseguia identificá-las ou nomeá-las. Passei a sentir frio, fome, sede, sensações de quem está vivo e isto se tornava bastante confuso para que eu entendesse. Ouvia vozes, mas ao tentar ver as pessoas que as emitiam me surpreendia, pois as vozes não eram as mesmas das pessoas que eu pensava ter ouvido. Tinham entonações diferentes, o som era alto ou baixo demais e não conferiam com outras que já tinha ouvido, isto me trazia um desconcerto de pensamento.

Quando vi pessoas à minha frente foi difícil entender, eu nunca me lembrei claramente como isto me aconteceu.

O meu despertar desta fase é outra etapa da minha vida que não sei contar e que também não tem aquele início de “era uma vez”. Lembro-me que foi mais ou menos assim... algo confuso e perturbador, cheio de medo.

Lembro-me de que ouvi pessoas. Senti meu corpo doer, mas não sabia exatamente onde, e, de repente, já não o sentia. Minha cabeça doía, esforcei-me para abrir os olhos, mas não conseguia, algo me incomodava.

Percebi que eu estava numa sala, mas não sabia onde.

Era como se eu estivesse dormindo e de repente acordasse no meio do sonho, tentando dar significado para algo que se quer eu lembrava. E eu não entendia.

Comecei a vivenciar um estado de verdadeira confusão mental, sem saber se eu estava viva, se havia ficado louca ou se estava num planeta diferente.

Queria compreender algo e diante desta fase sentia medo, dor, angústia. Pela primeira vez na minha vida me senti sozinha e com frio, num lugar desconhecido e cheio de luzes.

Tive vontade de gritar, mas me faltou forças até mesmo para respirar. Então, cessei meu pranto e baixinho ousei uma palavra.

—Mãe'

E temi que ninguém me ouvisse e ao mesmo tempo temi que alguém pudesse ouvir aquele sussurro.

Tentei esticar o pescoço, mas tinha um peso inexplicável. Minha cabeça nunca pesou tanto, foi impossível retirá-la daquela posição.

As luzes me incomodavam a ponto de não conseguir abrir os olhos.

Senti um frio maior, como de um vento quando abrimos a porta num dia muito frio. Veio um nó na garganta, pensei: “Alguém me ouviu!”

Entraram três pessoas conversando entre si, com roupas verdes, retirando máscaras, luvas, pareciam médicas.

Mas da mesma forma que entraram, às pressas, saíram. Não me viram ali deitada com a cabeça pesada, não me ouviram.

Questionei-me: “Onde estou? Será que falo? Não me mexo? Meu Deus quero acordar !.”

Fiz uma prece e me contentei por saber rezar. Era tudo o que eu podia fazer naquele momento.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto e eu não sabia há quanto tempo estava ali e muito menos porquê. Estas dúvidas me desesperavam.

Sentia sede, meus lábios ardiavam, minha garganta doía.

Minha confusão me proporcionava um desconforto, que jamais saberei descrever.

Eu tentava abrir meus olhos, mas as luzes ofuscavam-me, cegavam ainda mais meus olhos. Com a língua, eu tentava tocar meus lábios ardidos e ressecados pela sede para umedecê-los. Sentia um frio que parecia congelar, rangia os dentes.

Eu estava triste porque tinha tentado chamar por minha mãe, mas ela não estava ao meu lado.

Quando vi aquelas três pessoas saírem da sala, tive muito medo e por isto fechei rapidamente meus olhos. Como se estivesse dormindo.

Foi ali que de alguma forma, ainda que confusa, eu passei a retomar a minha consciência roubada.

Vi outras pessoas entrando e saindo e eu novamente fechava os olhos. Estavam todos vestidos de verde. Com um avental que cobria todo o corpo, na cabeça uma touca, as mãos protegidas com luvas cirúrgicas. Foi então que compreendi: eu estava num centro cirúrgico.

E ali fiquei observando o movimento de pessoas entrando e saindo e eu no meu movimento, abrindo e fechando os olhos. Fui me sentindo viva e aos poucos concluí que algo tinha me acontecido.

Eu não sentia mais o sol forte no meu corpo a caminho da represa e sim o frio de uma sala ignorada. Não havia mais a luz do sol brilhante e sim uma luz forte e estúpida e sentia uma sede que queimava meus lábios.

Tentei me mexer novamente, na confiança de que nesta tentativa eu me levantaria e até mesmo poderia tomar um copo de água, mas me senti dura e imóvel. Sequer um braço saiu do lugar. Era como se uma tonelada estivesse sobre o meu corpo. Era ainda muito estranho tudo aquilo e, pior ainda me confrontar com uma dura realidade: meu corpo estava literalmente paralisado.

Comecei a chorar sozinha e angustiada por despertar para um pesadelo e por imaginar que estes pequenos significados tivessem um saldo ainda pior.

Senti-me ausente do corpo que eu já não sabia mais se era o meu. Parecia separado de mim, cortado. Chorei pela claridade daquela luz infernal, por não conseguir levantar a cabeça pesada, por não sair do lugar, por não saciar a minha sede. Chorei por chamar e ninguém ouvir. Vi um monte de coisas penduradas ao meu lado, invadindo o meu braço, eram caninhos estúpidos com líquidos que entravam no meu corpo sem que eu sentisse qualquer coisa.

De repente, como se fosse algo para me acalmar ou para piorar a minha situação, ouvi passos delicados e firmes adentrarem naquela sala, naquele lugar frio, mas eu sequer podia levantar o pescoço duro para ver quem era. Desta vez eu não fecharia os olhos.

Então, aguardei contando cada passo até que a pessoa se aproximasse. Os passos eram curtos e a cada pegada meu coração disparava, porque eu não sabia o que poderia me acontecer ali. Temia algo pior, se é que algo pior ainda pudesse existir.

Em silêncio eu contava os passos na tentativa de driblar o medo que aquele ambiente me proporcionava. Pude ver que esta pessoa também vestia um traje hospitalar. Era um avental, mas não me lembro da cor. Fixei meu olhar e a cada passo trocado minha visão era favorecida e então como uma surpresa. Naquele momento, mesmo sem chamá-la, ela apareceu para me confortar. Era a minha mãe. Ela se aproximou de mim olhando-me diretamente nos olhos e tocou-me. Assim tive certeza de estar mesmo viva.

Seu olhar seguro trouxe-me uma sensação de alívio, de paz imediata que nunca tinha experimentado. Tranqüilizou-me, tirando-me de um desespero que eu sentia sem saber o motivo.

Estávamos perto e ao mesmo tempo distantes. Não havia forma de contato, porque a maca nos separava e havia muitos remédios conectados a mim, mas ela transpôs os obstáculos e pôde tocar meu rosto dolorido.

Consegui dizer entre soluços que estava com sede, minha voz estava rouca, grossa e meus lábios feridos. Então, ela não poupou esforços e molhou uma gaze com água passando-a delicadamente nos meus lábios. E tranqüilamente explicou-me que eu já estava há algumas horas sem ingerir qualquer líquido e que não poderia beber um copo de água, como eu havia lhe pedido.

Com carinho ela molhava meus lábios com aquela gaze, eu me lembro do gosto até hoje, queria comê-la, sugá-la tamanha era minha sede, mas não podia. De repente vi entrar na sala uma enfermeira e da mesma forma que entrou saiu.

Fiquei sem entender nada. Em seguida entrou uma equipe de médicos por outra porta, chamaram minha mãe num canto. Falaram algo e ela se aproximou de mim e aos poucos foi me dizendo:

—Tati, algo aconteceu, você sofreu um acidente, se machucou e estes médicos vão te ajudar. Primeiro vão operar suas costas, mas eles te explicarão tudo. Agora vou precisar ficar lá fora, tudo ficará bem.

Sentiria um verdadeiro desespero se ela não tivesse me falado qualquer coisa. Ela saiu e eu senti um outro vazio. Na minha frente um monte de médicos, todos de verde.

Eles se posicionaram ao meu lado e depois de trocarem olhares um deles tomou a palavra:

—Tatiana, algo aconteceu com você, como sua mãe já lhe disse, e nós queremos ajudá-la. Estamos aqui e queremos o seu bem. Sabemos que você é forte, pois já conseguiu coisas que outros talvez não conseguiriam e agora vamos contar com você, menina. Hoje é o seu aniversário. Você completa seus 18 anos de idade, talvez não lhe pareça o melhor presente, mas você poderá avaliar isto depois, estaremos do seu lado, porém agora será preciso que você durma um pouco. Vamos

fazê-la dormir por mais algumas horas para consertarmos sua coluna e tenha certeza estamos com você!

— Feliz Aniversário!!—Uma voz, duas vozes, três ... quatro ... Foi mais ou menos isto que pude ouvir. Depois, senti meu olhar pesar, nem ouvi todos me darem Feliz Aniversário. Senti-me tranqüila ao ver olhos sobrepostos em máscaras e toucas verdes, não tive medo de dormir e o sono chegou, tomou conta de meu corpo. Fechei os olhos, era só o que me restava.

### **Nova cirurgia...Nova esperança**

Foram cerca de oito horas de uma nova cirurgia. Abriram minhas costas quase que por completo e implantaram uma haste de sustentação, para sustentar as vértebras fraturadas T10-11 Sem que eu soubesse da gravidade, ou o que significaria este T.

Enquanto fiquei horas em novo sono induzido, meus pais, minhas irmãs, meu namorado, minha futura sogra e algumas amigas mais próximas se revezavam, desde a fase da UTI, para cuidar de mim. Esta era a terceira cirurgia e parecia ser a minha salvação, aos olhos de todos que esperavam lá fora.

Iniciava-se um processo de retomada de consciência. Os médicos já tinham avisado aos meus pais que esta seria a etapa mais difícil, pois eu já estava consciente e exigiria muitas respostas para as minhas dúvidas.

Entreguei a coluna à nova equipe médica. Pessoas que eu nunca tinha visto, e confiei no Juramento Hipocrático de cada um deles, certa de que consertariam a minha coluna. Na verdade não sabia dos reais estragos. Afinal ouvi tanta coisa que logo dormi, nem sabia do que se tratava. Era como um sonho complexo que nem Freud explicaria.

Novamente dormindo, separada do meu mundo, dos meus pais, do meu namorado, dos meus amigos, de meus gatos e cachorros, numa nova escuridão.

Do outro lado, a esperança, a angústia, a ansiedade, a expectativa da minha família e dos amigos próximos como a Branca, a Erineide, a Silvia, a Meire, o meu namorado, todos aflitos aguardando no corredor do centro cirúrgico.

De repente sai da sala o médico da equipe e, arrancando a touca de procedimento cirúrgico, diz:

— Fizemos o possível. Temos certeza disto, no entanto, ela não vai mais andar.

O impacto da notícia abalou a todos, meu paizinho e o André, em especial.

Foi uma reação que não me compete tentar expressar em palavras, tamanha imensidão de sofrimento. Após o choque que a notícia provocou, era preciso reunir forças para se reestruturarem pois teriam que, pacientemente, ajudar-me a enfrentar uma nova realidade que estava apenas começando. Uma longa jornada, que ninguém imaginaria o quão difícil seria.

Enquanto todos sofriam lá fora, eu estava protegida na escuridão do sono por mais algumas horas de minha vida, quando me levaram, ainda sedada para a sala de recuperação, onde eu sequer imaginaria tantas mudanças físicas e fisiológicas que tinham me acontecido.

Foi somente após esta data, 17 de fevereiro de 1995, data do meu aniversário e da minha cirurgia de coluna, que as coisas passaram a se encaixar “mais ou menos” e a ter algum sentido lógico, para alívio de minha confusão.

Lembro-me de pesadelos, como se eu estivesse desabando num abismo. Lembro-me, também, do frio insuportável que senti horas após acordar da cirurgia, que me fazia tremer e quase balançar aquela cama hospitalar. Além do frio, tinha o sono. Fui transferida para um quarto no nono andar e eu já imaginava que nada teria a ver com o meu quarto, cheio de bichos de pelúcia.

Ao passar pelo corredor, ainda sonolenta, vi várias pessoas, ouvi meu nome, mas me sentia profundamente cansada e incapaz de fazer qualquer esforço mesmo que fosse só para agradecer ao André que me esperava com flores na porta do quarto. Quanto a mim, nem sabia de onde vinha ou pra onde ia.

Eu estava entregue ao sono, dormi por horas seguidas. Quando acordei numa escuridão, somente com a luz da lua muito distante, ouvi barulhos de carro e, ao mesmo tempo, de muitas vozes vindo de um corredor. Vi que tinha alguém ao meu lado, mas não sabia quem, então quieta elaborei uma tentativa de conclusão para entender o que eu fazia ali. Eu precisava de uma história e me esforçava pra lembrar alguma coisa.

“Era 25 de janeiro, estava indo para a Represa de Mairiporã, com a Meire, e cadê a Meire? Não mergulhamos, cadê as “bikes? O que será que aconteceu? Recebi uma anestesia pra dormir, disseram que consertariam a minha coluna, por isto não estou sentindo minhas pernas, mas assim que passar o efeito sei que vou para casa.”

Adormeci novamente de tanto me questionar e acordei sem respostas com minha mãe ao meu lado. Eu chorei de dor nas costas e uma dor por não ter entendido tudo ainda. Aos poucos fui perguntando coisas e ela pacientemente me respondia. Disse que a Meire estava bem, que minha *bike* estava na casa de minha tia, mas que eu precisaria de um tempo pra ficar bem. Em meio às suas respostas eu dormi novamente, sem muita compreensão.

E já não fazia muita questão de entender, pois estava certa de que em breve iria para minha casa e que ficaria tudo bem. Logo pela manhã, alguns médicos passaram no quarto para saber como eu estava. Primeiro perguntaram para minha mãe como eu tinha passado a noite, depois se dirigiram a mim fazendo a mesma pergunta.

Era uma confusão terrível estar naquele quarto de hospital. Pela janela daquele quarto, por vários dias, eu observava com meu olhar perdido, todo o movimento do viaduto Beneficência Portuguesa. Pessoas indo e vindo, caminhando sob aquele viaduto que cruza a Avenida 23 de Maio. Dias depois, com um esforço maior, já era capaz de erguer a cabeça e avistava de longe o Centro Cultural de São Paulo. Tudo às voltas da Avenida Paulista por onde tanto caminhei.

No decorrer dos dias passei a receber outra equipe de médicos, que me perguntavam a mesma coisa, às quais eu respondia da mesma forma, confusa como sempre.

— Tatiana como passou a noite?

— Como você está se sentindo? Na minha confusão eu respondia:

— Melhor que ontem e pior que amanhã.

Até a minha resposta era confusa para certas coisas, pois eu ainda buscava razões e explicações para estar ali.

Estes médicos por vários dias, após a cirurgia da coluna, iam de manhã ao quarto e depois de ouvirem a resposta do dia, solicitavam gentilmente pra eu fechar os olhos e responder em qual dos dedos dos meus pés eles tocavam ou picavam com uma agulha delicadamente.

Eu obedecia, fechava os olhos e respondia certa de ter acertado o dedo apertado, mas na verdade muitas vezes sequer eles haviam tocado em meus dedos, e se tocavam o dedo do pé esquerdo eu errava ao dizer que havia sido no do pé direito.

Eles me incentivavam para que eu me esforçasse mesmo errando. Que eu não me chateasse com minhas falhas ao não acertar os dedos apertados.

Mas na verdade eu não me chateava, ficava preocupada porque já havia sido operada há dias e, portanto, a anestesia já deveria ter passado, e isto não ocorria.

Em virtude destas visitas, acabei ganhando um par de botas de gesso para evitar deformidades nos pés pelo tempo de internação.

## A verdade sem fantasias

Certo dia quis dormir de bruços, pois já estava cansada de dormir de barriga para cima. Entretanto as orientações médicas limitavam-me de qualquer movimento a ser feito a fim de manter os ganhos aparentemente obtidos com a cirurgia.

Eu pedia para meu pai, para minha mãe, para quem passava a noite comigo, para me virarem, mas sentia que estavam sendo controlados pelos médicos e nada do que eu falava parecia ter sentido para eles. Não me ouviam, eu me sentia péssima porque nada *eu* podia. eu dizia:

— Quero virar de bruços!.

E logo respondiam:

— Não pode Tati.

— Quero me sentar!

Respondiam:

— Não pode Tati.

— Quero tirar estas botinhas.

— Não pode, elas ajudam a manter a posição do seu pé.

— Não quero remédios.

—Você deve tomá-los, para isto, para aquilo etc.,

Era um verdadeiro tormento. Eu já sabia que tinha sofrido um acidente, mas não imaginava que perderia minhas próprias vontades, meus acompanhantes pareciam mais estar contra mim do que qualquer outra coisa. Sabia também que eu estava totalmente paralisada e não sentia o meu corpo.

A dependência estava em tudo. Para comer, alguém colocava comida na minha boca e o meu esforço, independente, era apenas de mastigar e engolir, enfrentando algumas engasgadas que me assustavam. Sendo acudida às pressas por enfermeiras.

Como se não bastasse receber aqueles médicos todos os dias, pegando nos meus dedinhos dos pés para eu acertar qual dedo era apertado, passei a receber um quarteto de fisioterapeutas com um orientador Dr. Flávio ou Dr. Reginaldo.

Após a típica apresentação: meu nome é sou fisioterapeuta do hospital, bla, blá, blá, começávamos com uma série de exercícios para despertar o braço esquerdo, pois fisicamente, apesar do arranhões, ele estava bem e neurologicamente melhor ainda. Seguiram-se horas e dias de treinos com este braço, até começar a comer sozinha. Poder coçar meu próprio nariz, tirar casquinha dele, sem ter que pedir a alguém, ou mesmo enfiar o dedo dentro do ouvido para dar aquela coçadinha. Foram pequenas conquistas como estas que me traziam uma sensação de independência.

Agora eu tinha um braço ao meu lado, apesar de esforços. Como só ficava deitada, na hora de comer eu sempre errava a boca, mas, aos poucos, fui melhorando.

Nunca pensei que comer sozinha fosse tão difícil.

No braço direito ninguém tocava. Exceto a equipe de cirurgia plástica: era um trio composto por :Dr. Ednardo, Dra. Aninha e Dr. Welison. Havia ainda um tal de Dr. Roberto que vez em quando aparecia, me lembro que meus sentimentos por ele não eram dos mais afetuosos e eu implicava com ele toda vez que o via na minha frente.

Isso é natural e humano, termos sentimentos negativos, bons e ruins, mesmo nessas fases, pois antes de sermos pacientes somos pessoas comuns. Diante do médico, como pacientes, temos tantos sentimentos prazerosos como sentimentos de repulsa, irritação ou aborrecimento. Na maioria das vezes, isso acontece porque queremos respostas e nem sempre conseguimos tê-las. Talvez fosse por isto a minha encresna com o Dr. Roberto.

...